

CINQUENTENÁRIO DO INSTITUTO ADOLFO LUTZ

Laboratório Central de Saúde Pública

O dia 18 de julho de 1942, assinala a passagem do cinquentenário do Instituto Adolfo Lutz (Laboratório Central de Saúde Pública).

Criado pelo Decreto n.º 11.522, de 26 de outubro de 1940, o Instituto Adolfo Lutz representa a fusão do tradicional Instituto Bacteriológico de São Paulo e do antigo Laboratório de Análises.

Os dois estabelecimentos científicos, nascidos no mesmo dia, há cinquenta anos, exerceram com brilho, separadamente, as atribuições de laboratórios de Saúde Pública. Hoje, reunidos, completam-se e desempenham papel saliente na defesa da saúde pública de São Paulo e do Brasil.

Para comemorar essa data, realizou-se, no salão de conferências do Instituto, uma sessão solene à qual esteve presente todo o seu corpo técnico e administrativo. O Diretor, Dr. J. P. de Carvalho Lima, após breves palavras alusivas à data e à vida do estabelecimento, concedeu a palavra ao Dr. Bruno Rangel Pestana, ex-assistente do Instituto Bacteriológico e atualmente chefe da Sub-divisão de Bromatologia e Química do Instituto Adolfo Lutz, que proferiu o seguinte discurso:

“Quis o Diretor que o mais antigo do Instituto Bacteriológico e chefe da Subdivisão de Bromatologia e Química, que é o Laboratório de Análises, vos dissesse hoje algumas palavras para comemorar o cinquentenário da fundação desses dois estabelecimentos científicos, agora reunidos neste majestoso Laboratório Central de Saúde Pública, que, em homenagem ao grande mestre, recebeu o nome de Instituto Adolfo Lutz.

Proclamada a República procuraram os dirigentes dos destinos de São Paulo, cumprindo o programa de seu partido, cuidar da

Instrução e da Saude Pública. Sabiam os estadistas da velha República que São Paulo, para ser São Paulo, precisava de povo sadio e culto.

Construíram escolas. Contrataram mestres para ensinar novos métodos de pedagogia. Reorganizaram os serviços de hygiene.

A lei n.º 43, de 18 de julho de 1892, criou o Instituto Bacteriológico e o Laboratório de Análises. Para esses estabelecimentos, Vicente de Carvalho, então Secretário dos Negócios do Interior do governo de Cerqueira Cesar, mandou contratar, na Europa, dois notáveis cientistas, indicados pelo grande Pasteur: Felix Le Dantec, biologista, para dirigir o Instituto Bacteriológico; o químico Marcel Lachaud, recomendado também por Schützemberger, para montar e dirigir o Laboratório de Análises. Nos dois estabelecimentos se assentaram, desde então, as bases da defesa da saude pública em nossa terra.

Escrevendo ao governo, assim dizia Le Dantec, sobre o Instituto que ia organizar:

“Eu fiz o cálculo das despesas de instalação, não de um laboratório no qual trabalharei, mas também de um laboratório onde farei alunos. Tenho a intenção de dar um curso de técnica microbiológica, análogo àquele que se faz no Instituto Pasteur de Paris, em 40 lições, e que torna o aluno capaz de trabalhar por si mesmo.

É preciso que se faça um outro curso: o de biologia geral (fermentação, doenças microbianas, resistência dos tecidos à invasão de micróbios, vacinação, imunidade, etc.), que o ponha ao corrente da parte da ciência moderna, util ao fim que eu vos proponho.”

Tinha o Mestre a preocupação da Escola, programa que Adolfo Lutz adotou e desenvolveu.

Instalados os Laboratórios do Instituto Bacteriológico, os seus valiosos serviços começaram a justificar sua criação.

Cesário Mota, o estadista ilustre que substituiu Vicente de Carvalho, ao tratar, em seu relatório, da cólera que aparecera em São Paulo, assim diz:

“Não obstante as medidas de pronto tomadas, que só a suspeita aconselha, a máxima energia e afinco nos meios de combate só a convicção os podia dar. Essa convicção a tivemos pelo exame bacteriológico das dejeções dos enfermos, o qual revelou a existência do verdadeiro *bacilo vírgula*.

Desde então atacou-se o mal como a um inimigo terrível e conhecido. Foi o Instituto quem nô-lo revelou; só este fato é bas-

tante para fazer o seu elogio e justificar a sua existência. Importantíssimo foi o serviço prestado este ano por esse Instituto”.

E da medida pronta e rápida tem dependido, em grande parte, o não haverem os surtos de moléstias infecciosas tomado vulto, como ainda recentemente aconteceu com a peste.

A peste, sempre que aparece, obriga o Instituto Bacteriológico a manter o seu pessoal atento, trabalhando a qualquer hora do dia ou da noite, para que se faça rápido diagnóstico e, conseqüentemente, breve seja o início do tratamento no Hospital de Isolamento e prontas as medidas de profilaxia.

Já vos contaram a história da “Primeira Escola de Medicina Experimental do Brasil” e os seus quinhentos trabalhos publicados sobre febre amarela, febre tifóide, disenteria, lepra, malária, Leishmânia, difteria, tifo exantemático e outras moléstias humanas e de animais, sobre zoologia e outros assuntos, que atestam o valor dos estudos e pesquisas realizadas por Lutz e seus discípulos.

Durante 50 anos de existência, em que passaram pelo Instituto Bacteriológico diversos cientistas, guardou sempre aquela casa a mesma orientação científica traçada pelos seus fundadores.

Foram seus diretores Felix Le Dantec, Adolfo Lutz, Carlos Meyer, Teodoro Baima, Antônio de Ulhoa Cintra, Alexandrino Pedroso e Carvalho Lima, que ainda hoje dirige esta casa.

Queremos aqui, prestar uma homenagem ao sábio mestre e seus discípulos que ajudaram a construir este patrimônio científico. No cumprimento do dever, eles nunca recuaram, mesmo quando vaiados ou quando lhes arremessaram pedras. A maledicência não os atingia, mesmo quando a classe médica, tendo por chefes o cirurgião mais ilustre e o clínico mais distinto, exigia a demissão do diretor do Instituto, a bem do serviço público, porque condenara, no interesse da saúde do povo de São Paulo, vacas leiteiras tuberculosas.

Não temiam a morte. Sempre prontos, a qualquer hora do dia ou da noite, não mediam sacrifícios, infectando-se às vezes, em serviço, como aconteceu a Vital Brasil, com a peste e a Carvalho Lima, com a febre tifóide.

Aos que pagaram com o sacrifício da vida o seu devotamento à ciência e ao cumprimento do dever — J. A. Roxo, vítima da febre tifóide; Bonilha de Toledo, da febre amarela; Alexandrino Pedroso, da meningite cérebro espinhal e Teodoro Baima, da gripe — o nosso comovido preto de admiração e saudade.

Não posso deixar de recordar também, os companheiros que ainda vivem, trabalhando noutra sector, e que contribuíram para o aumento do nosso patrimônio científico — Vital Brasil, Adolfo Lindenberg, Afonso Splendore, Pereira Barreto, Eduardo Rodrigues Alves, Ulhoa Cintra, Sebastião Calazans, José Bernardino Arantes e Simeão Bonfim.

Não esquecerei o nosso mestre e amigo, Prof. Ficker, que, com honestidade e notável capacidade científica, orientou a nova fase do Instituto Bacteriológico.

Aos técnicos que cooperaram com dedicação e trabalho, Savério, Pupo, Getulino e Faraco, e que hoje vivem no sossego de seus lares; aos desconhecidos, que, na sombra do anonimato, auxiliaram as pesquisas e a defesa da saúde pública no Instituto Bacteriológico e no Laboratório de Análises — as nossas homenagens.

Mas não era só o desprendimento da vida que engrandecia os que trabalhavam nos antigos Laboratórios. Era também o desprendimento material. Nunca tiveram, como não teem hoje, a preocupação do dinheiro. Mal pagos, jamais deixaram de cumprir o seu dever, abrindo mão, muitas vezes, de dinheiro para melhorar a biblioteca, como aconteceu com Baima, a quem o governo do Paraná quis premiar; com Batista de Andrade, que comprava aparelhos e reativos e com Henrique Schaumann, que desistiu dos ordenados a que tinha direito em favor do edificio que se destinava aos Laboratórios de Análises Químicas e Bromatológicas.

Os terrenos situados à rua Pires da Mota, onde foi construído o prédio, para o qual contribuiu Schaumann, foram desapropriados pelo decreto 337, de 17 de fevereiro de 1896, e destinados à construção do Instituto Pasteur e Roux, onde seriam instalados os Laboratórios de Análises Bromatológicas.

Somente no governo de Altino Arantes, sendo Secretário do Interior Oscar Rodrigues Alves e diretor do Serviço Sanitário Artur Neiva, é que se construiu o prédio onde funcionou o Laboratório de Análises.

O antigo Laboratório de Análises iniciou as suas atividades em 5 de julho de 1893, em prédio situado à rua General Osório, 127, sendo diretor Marcel Lachaud, que tinha como auxiliares Pinto de Moura e Caramurú Pais Leme.

Iniciou-se a campanha contra os fraudadores, repressiva e preservativa, conforme estabelecera Lachaud em seu programa de ação, pois ao Diretor do Laboratório cumpria também a polícia sanitária,

na classe dos ingestas, fazendo as competentes apreensões e respectivas análises.

Lachaud já pedia, em 1893, a assistência técnica tão reclamada hoje pelos industriais de gêneros alimentícios. Dizia em seu relatório: “um governo cioso dos seus deveres e das responsabilidades que sobre si pesam, precisa ser bastante prudente e escrupuloso afim de evitar que sejam feridas pelas medidas de repressão contra abusos cometidos por outros, as indústrias nascentes, que devem merecer todo o apôio, a bem de sua prosperidade e em benefício da riqueza pública, para a qual podem concorrer de modo eficaz como fruto de renda.

O comerciante poderá fazer as análises e estudo das mercadorias que recebe para fixar a identidade com as amostras, com o fim de verificar se a mercadoria foi fraudada. No caso de fraude, os falsificadores teriam que pagar o preço da análise, mais a multa.”

Estabeleceu-se, pela primeira vez, as características dos gêneros alimentícios mais comuns: água, leite, vinhos, aguardentes, licores, cerveja, conservas, banha, manteiga, doces e confeitos.

Tratando do leite, assim se referia o sábio francês: “A maioria dos leites vendidos nas ruas da Capital é adicionada de água, sendo aplicada a lei nos casos somente em que se encontra uma proporção de água em excesso.

É a primeira e a mais comum das fraudes que temos a verificar, consistindo ela em diminuir o valor intrínseco de um alimento bem conhecido e estimado de todos, pela adição de um outro de muito menos valor, conservando-se porem, o mesmo preço, com o que tira o vendedor um grande lucro.

Esta fraude é muito comum em São Paulo, como já provou este Laboratório, com as análises realizadas em diversos produtos entregues ao consumo desta cidade; em quase todos os casos, o leite, por exemplo, vendido frio e apresentado como puro, é adicionado de água na proporção de até mesmo duas partes desta para uma daquele.

Alem disso, nestes casos muito simples sob o ponto de vista higiênico, muito perde o país, porque o leite sendo o alimento por excelência, de certos doentes e de muitas crianças, poderá acarretar uma falta de nutrição, que se tornará prejudicial à saúde.

O que aconteceria se tolerássemos essa fraude?

Aquele que obtivesse, diariamente, maior resultado que os seus concorrentes pelo seu modo de proceder, poderia facilmente estender seu comércio, e a porção de leite misturado aumentar-se-ia por essa razão.

Naturalmente, mais cedo ou mais tarde, o imitariam os concorrentes sabedores de seus resultados.

E assim se iria aumentando a quantidade de água ajuntada, até que se tornasse impossível ir mais longe, sem que se despertasse a atenção dos clientes.”

Cinquenta anos são passados e a situação é a mesma.

A lei só pode ser aplicada nos casos em que se encontra uma porção de água em excesso, porque, hoje, água em pouca quantidade é permitida pelo padrão estabelecido e assim se vai aumentando a sua quantidade até que se torne impossível avançar mais sem se despertar a atenção.

Schaumann, revendo as características dos gêneros alimentícios principais, continua a clamar contra a fraude, principalmente contra os xaropes de frutas (framboesa e groselha), que, na maioria, são preparados com éteres artificiais e coloridos com tinta de anilina.

Examinando as conservas, principalmente as de tomates, achou que todas as amostras eram coloridas artificialmente.

Em cinquenta anos de existência numerosas análises foram feitas, sendo inutilizadas toneladas de gêneros alimentícios condenados e milhares de litros de vinhos com matéria corante.

Contribuiu o laboratório para orientar a parte técnica no que diz respeito a gêneros alimentícios, quando foi feito o Regulamento da Alimentação Pública, aprovado pelo decreto 10.395, de 26 de julho de 1939, o que representa grande passo dado na fiscalização de tais gêneros.

Partindo para a Europa Lachaud, substituiu-o Henrique Schaumann na direção, o qual, seguindo também para a Europa, onde foi trabalhar no Instituto de Moléstias Tropicais de Hamburgo, foi substituído por Caramurú Pais Leme, até 1896, quando, então, foi nomeado para diretor, Antônio Carlos de Campos Sales.

Em virtude da reorganização do Serviço Sanitário com a Lei n.º 432, de 3 de agosto de 1896, passou o Laboratório de Análises a denominar-se Laboratório de Análises Químicas e Bromatológicas, exigindo-se que para o cargo de diretor somente pudesse ser nomeado profissional médico.

Substituiu-se um químico por um médico, erro esse que contribuiu, em grande parte, para a fossilização do estabelecimento por faltar a cabeça dirigente; o mal não foi maior, porque, criado o lugar de chefe-químico, foi nomeado Pedro Batista de Andrade, a cuja memória prestamos as nossas homenagens. “É aquele que, com amor e dedicação — como nos relata Cendí Guimarães — no laboratório do Estado foi logo elevado ao posto de auxiliar-técnico do diretor, cargo que ocupou até 1929. A aparelhagem era modesta, mas ele punha em prática o que sempre ensinou aos alunos, isto é, que o químico precisa ser ao mesmo tempo, eletricitista, vidreiro e mecânico; improvisava o que lhe faltava e, no velho Laboratório da rua dos Andradas, realizou uma soma enorme de trabalhos que, em meio de melhor ressonância, teria feito dele uma glória prezada e amparada. Horário de serviço era para ele o dia todo; inúmeras vezes foi a esposa arrancá-lo de lá noite fechada, porque, trabalhando, esquecia as horas das refeições e de sono.”

Aos que trabalharam sob a chefia do mestre, e já falecidos, o nosso preito de saudades; aos que ainda vivem: Araujo Lima, Rocha e Borba, como os mais velhos da casa, e que tantos serviços prestaram à Saúde Pública, as nossas homenagens.

Recordarei também Adelino Leal, que, como auxiliar-técnico e, depois, como chefe de laboratório prestou valiosos serviços de abril de 1923 a 9 de julho de 1936, quando foi aposentado. Moço, quando assumiu a chefia do Laboratório, deu-lhe nova organização, melhorando a sua técnica e aperfeiçoando os métodos de exame; dele, quase todos os químicos que aqui trabalham foram discípulos.

Reorganizado, novamente, o Serviço Sanitário pelo Decreto n.º 3.876, de 11 de julho de 1925, aprovado pela lei n.º 2.121, de 30 de dezembro do mesmo ano, novo erro se cometeu, estabelecendo-se como dependência da Inspeção do Policiamento da Alimentação Pública o Laboratório de Análises, sendo, então, suprimido o cargo de Diretor do Laboratório, que passou a ser exercido pelo Dr. Nicolino Morena, diretor da Inspeção do Policiamento da Alimentação Pública, até 27 de outubro de 1940. Então, pelo decreto 11.522, veio a fazer parte do Laboratório Central de Saúde Pública, o Instituto Adolfo Lutz.

Hoje, que comemoramos o cinquentenário da fundação do Instituto Bacteriológico e do Laboratório de Análises, ora fundidos no Instituto Adolfo Lutz, temos uma casa majestosa dada por Cardoso de Melo Neto, então Interventor Federal, Cantídio de Moura Campos, Secretário da Educação e Saúde e Sebastião

Calazans, Diretor do Departamento de Saude do Estado, e que nos foi entregue, instalada e aparelhada, por Ademar de Barros, interventor federal, tendo como Secretário da Educação Mário Lins, e como Diretor do Departamento de Saude, Humberto Pascale.

Tinha eu receio que, no novo edifício, o mal das casas novas, que tanto tem prejudicado nossos Institutos, também nos invadissem.

Apesar da grandiosidade desta casa, o ambiente é o mesmo de cordialidade e simplicidade dos antigos laboratórios, conforme salientou Sales Gomes em a nossa primeira reunião. É que aqui se trabalha e se estuda e o exemplo dos nossos antepassados é seguido. Não se contam horas e nem se medem sacrifícios para proceder a uma análise, efetuar um exame, fazer uma autópsia, preparar um meio de cultura ou lavar um frasco e copiar um exame. Realiza-se um exame por minuto.

A nossa revista, com três números publicados em menos de dois anos, conta 32 trabalhos documentando a produção científica desta casa.

As reuniões quinzenais mostram o interesse que desperta a ciência e a pesquisa.

Aumenta-se a biblioteca e o aparelhamento necessário é fornecido para que os trabalhos sejam efetuados.

Tudo isso, senhor diretor, devemos em grande parte à vossa ação; não medindo sacrifícios, fazeis o possível para nada faltar aos nossos trabalhos e para que esta instituição possa brilhar.

Mas não é só o conforto e o aparelhamento; em um Instituto científico, para progredir é necessário que os que nele trabalham tenham entusiasmo e amor à ciência. É preciso que lhe votem toda sua fé. Eu bem sei o que isso custa de fadigas e contrariedades, dores morais e abnegação, mas quando o resultado é alcançado, que importa a paga da moeda indiferente, a ingratidão e a calúnia? A beleza da vida está na ação.

Continuemos, pois, a trabalhar, mas não nos esqueçamos que um erro ou engano poderá acarretar a morte de um ente querido ou levar miséria à família de um negociante ou industrial.

Lembra-vos sempre que não é só o nosso nome que entra em jogo. Esse só a nós interessa. Mas o nome do Instituto, esse interessa à coletividade.

Não esqueçamos o conselho do mestre quando dizia que "o bacteriologista precisa de muito critério e prudência afim de não

desacreditar a ciência por asserções precipitadas, como aconteceu entre nós”.

O sentido da responsabilidade e a sua compreensão, são qualidades essenciais ao biologista e ao químico. Sem dúvida, em um estabelecimento científico bem organizado, cada um responderá pelo seu serviço, por mínimo que seja. Essa responsabilidade particular, em nada diminui a dos chefes. Todo o funcionário é obrigado a dar conta dos seus atos aos superiores, ao público e, sobretudo, à sua consciência.

Professando este apostolado, continuemos a trabalhar, unidos e disciplinados sob as ordens do nosso Diretor, para não desmerecer a confiança daqueles cuja saúde somos obrigados a defender e para o renome do Instituto, no qual o nome de Adolfo Lutz representa um exemplo de amor à ciência, de trabalho e de abnegação.